

36° Encontro Anual da Anpocs

GT07 - Dimensões do urbano: tempos e escalas em composição

A urbanidade experimentada pela (in)visibilidade de moradores de um bairro de Belo Horizonte: o Cachoeirinha

Wânia Maria de Araújo¹

¹ Professora do Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local do Centro Universitário Una e da Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG.

Resumo: O objetivo desse artigo é pontuar questões relativas à (in)visibilidade de um jeito antigo de experimentar a urbanidade. Assim como em outras cidades, em Belo Horizonte ainda é possível encontrar modos de viver que mais se aproximam do sentido de comunidade de Tönnies (1947) do que do sentido de reserva apregoado por Simmel (1987) como forma de experimentar a vida em um centro urbano. Essa (in)visibilidade foi objeto de investigação de minha tese de doutorado realizada em um bairro conhecido por poucos beloizontinos, mas que é recoberto por uma intensidade de vínculos que seus moradores lhe imputam. A (in)visibilidade do bairro diante da cidade foi interpretada como uma forma de resistência e de manutenção de traços identitários. Esse bairro chama-se Cachoeirinha e situa-se entre grandes avenidas e empreendimentos imobiliários e comerciais que o emolduram. Ele fica como se fosse no interior de vários espaços, vários bairros e nem todos os moradores da cidade percebem sua existência. O contato do pesquisador com alguns de seus moradores tornou possível remontar narrativas de tempos passados impressos no presente como uma forma de expressão do entrecruzamento de tempos e descrição do espaço.

Palavras-chave: bairro, urbanidade, invisibilidade.

Introdução

A cidade como ambiência espaço-temporal onde o cotidiano de um conjunto variado de moradores é tecido, bem como um espaço para a materialização de diferentes perspectivas urbanísticas, tem sido, ao longo do tempo, objeto de reflexão de vários campos disciplinares. Percebe-se que as abordagens diferem não somente porque olhares distintos são vertidos sobre ela, mas também pelo fato de que no interior de uma mesma disciplina as abordagens se ampliam e/ou se modificam ao longo do tempo, favorecidas, inclusive, pelo diálogo interdisciplinar. A proposta que aqui se apresenta não se define como um mapeamento dessas abordagens, mas sobre um olhar e uma leitura sobre uma cidade. É importante destacar que este artigo buscará estabelecer um elo entre uma possibilidade de leitura da cidade a partir dos elementos que compõem as práticas, os hábitos e os comportamentos de seus habitantes, a partir do cotidiano tecido por meio das interações dos moradores com seus espaços. A ideia é realizar uma leitura de Belo Horizonte a partir do bairro Cachoeirinha, por meio do resgate de lembranças de alguns de seus moradores que elucidaram suas experiências de tecer laços e relações em um determinado tempo e espaço da cidade.

Os relatos recolhidos junto aos moradores do Cachoeirinha foram analisados a partir do conteúdo das relações comunitárias, tal como enunciou Tönnies (1947), em contraposição à atitude de reserva enunciada por Simmel (1987) como uma forma de proteção dos indivíduos no ambiente urbano e, também, de forma contrastiva ao que Park (1987) e Wirth (1987) assinalaram sobre o esvanecimento das relações de vizinhança em cidades grandes. Isso significa que o Cachoeirinha foi analisado, a partir das enunciações de seus usuários, só

para recorrer à terminologia de Mayol (2005), como um espaço na cidade grande que ainda mantém relações de vizinhança, o que contribui para que o sentimento dos moradores de pertencimento e enraizamento na cidade, por meio do bairro, seja fortalecido. Isso corrobora com o argumento de Mendonça e Andrade (2007) de que as relações de vizinhança teriam espaço de existência em bairros tradicionais, denominação que seria pertinente ao Cachoeirinha. A discussão de Roncayolo (2001) sobre território como local de atribuição de sentido, como repositório de relações entre pessoas, como uma forma de leitura e apreensão da passagem do tempo também foi referência para explicitar ainda mais a relação dos moradores com o espaço habitado e sentimento de pertencimento à cidade a partir do local que nela se situam.

Por fim será apresentada a ideia de interpretar a (in)visibilidade do bairro Cachoeirinha a partir das características do seu envelhecimento. Diante das transformações no seu entorno ele ainda mantém características de um outro tempo, experimentado num espaço que não se configura mais da mesma forma. Sendo assim, conduzi minhas reflexões no sentido de elucidar como seus moradores são habitantes de uma metrópole, mas que têm um cotidiano marcado por relações e interações sociais mais próximas de um ambiente de cidade pequena. Esses moradores em suas práticas espaciais cotidianas não são vistos e tampouco se deixam ver pelos não residentes do bairro, como se fosse uma estratégia identitária manter-se fiel a um modo de viver, como forma de indicar permanências frente às mudanças, como forma de indicar a existência de um pequeno mundo que está colado ao urbano que caracteriza a Belo Horizonte do século XXI, mas que dele se descola pela forma como os moradores do Cachoeirinha experimentam seu cotidiano. O urbano é, então, pontilhado por fissuras, por regiões que não são perpassadas na sua totalidade pelos aspectos da cidade grande e moderna.

As Relações de Vizinhança no bairro Cachoeirinha

De acordo com Mendonça e Andrade (2007) as relações de vizinhança nos bairros podem permanecer ao longo do tempo ou não. Se vizinhança é compreendida como um tipo de interação não mediada entre pessoas que se conhecem ou têm laços de parentesco, provavelmente ela só será encontrada em cidades pequenas ou em bairros tradicionais. “A vizinhança seria então um fenômeno em extinção nas grandes cidades, até porque nos bairros mais novos e também nos mais centrais [onde] predomina o desconhecimento entre os moradores, ela deixaria de existir.” (MENDONÇA e ANDRADE, 2007, p. 3) A pergunta que

aqui se apresenta é se o bairro Cachoeirinha pode ser considerado um espaço de relações de vizinhança, a despeito das mudanças ocorridas em sua estrutura física. Para discorrer sobre essa questão valerá retomar a discussão de Tönnies sobre os conceitos de comunidade e sociedade e a discussão de Simmel (1987) da vida mental na metrópole.

As relações comunitárias foram definidas por Tönnies (1947) como toda forma de vida social experimentada em conjunto que fosse íntima, exclusiva e interior. Em se tratando das relações societárias, suas características estavam embasadas nas formas de sociabilidade de domínio público, relativas ao exterior. A metáfora que poderia ser aplicada às relações comunitárias seria a de um organismo vivo que nasce, cresce e se desenvolve naturalmente, de forma harmoniosa e coordenada. Já a metáfora aplicável às relações societárias seria aquela de uma máquina ou ferramenta que é colocada em funcionamento por meio de engrenagens mecânicas, como um artifício racional e friamente planejado para o alcance de certos fins.

A teoria da comunidade de Tönnies (1947) estava, então, vinculada à disposição gregária dos indivíduos baseada em laços de consanguinidade (pais, filhos, irmãos) e afinidade (vizinhos) tendo como característica a inclinação emocional recíproca, o consenso e o conhecimento íntimo. As leis principais da teoria da comunidade estava baseada no fato de que parentes, cônjuges, vizinhos e amigos se gostam e entre aqueles que se gostam há consenso, por isso se entendem, convivem e permanecem juntos ordenando sua vida em comum. Tönnies (1947) estabelece três padrões de sociabilidade comunitária que convergem, cada qual, para um tipo de ordenamento:

- Tipo de sociabilidade: laços de consangüinidade → ordenamento: comunidade de sangue (parentesco)
- Tipo de sociabilidade: coabitação territorial → ordenamento: lugar (vizinhança)
- Tipo de sociabilidade: afinidade espiritual → ordenamento: espírito (amizade)

Esses padrões se realizariam territorialmente por meio de três núcleos espaciais: a casa, a aldeia e a cidade. Na casa seria prevalecente a sociabilidade de família, na aldeia a de vizinhança e na cidade a de afinidade. Apesar dessas separações, Tönnies acreditava que os três padrões estavam imbricados e que, dessa forma, a cidade seria o *locus* que compartilharia dos elementos das sociabilidades de sangue e lugar, pelo menos num primeiro momento, em uma morfologia mais simples. Ressaltou que na cidade a irmandade profissional é que seria a relação comunitária mais emblemática.

Com efeito, a transição da vida rural para a vida citadina urbana teria como característica marcante uma ruptura nesses padrões de sociabilidade, pois quanto mais se multiplicava a vida na cidade, mais perdiam forças os vínculos de parentesco e de vizinhança. É como se no momento em que a vida urbana passou a preponderar sobre a vida rural houvesse também a transição da vontade natural para a vontade arbitrária que, em se tratando de termos espaciais, poderia ser descrita como a submissão do campo e/ou da pequena cidade à vida metropolitana. Essa última, por sua vez, tem como marca o fato de que a sociabilidade mediada pelo parentesco, pelos costumes, pela tradição, é enfraquecida prevalecendo aquelas mediadas pelo cálculo, pela racionalidade e pelo interesse.

As ideias de Tönnies (1947) sobre relações comunitárias e societárias possibilitam o estabelecimento de um diálogo com Simmel (1987) e suas considerações sobre a vida mental na metrópole. De acordo com Simmel (1987) ao serem expostos a uma quantidade excessiva de estímulos na cidade grande, os indivíduos se protegem, adotando a atitude de reserva, a impessoalidade e o anonimato. Essas atitudes se contrapõem ao comportamento dos indivíduos de cidades pequenas onde os relacionamentos se fundam na intimidade. Diferentemente da cidade grande, onde reage com a cabeça e toma como referência a impessoalidade, nas cidades pequenas os indivíduos reagem com o coração, com o sentimento, de maneira passional. A adoção da atitude *blasé*, de uma atitude que torna os indivíduos incapazes de reagir às novas sensações com energias apropriadas, é reiterada pela economia do dinheiro que equipara as diferenças qualitativas das coisas em termos de valor monetário, que “[...] arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico e sua incomparabilidade.” (SIMMEL, 1987, p. 16) A economia monetária que tem na cidade grande seu local de mais alta expressão, seria também responsável pela tendência de intelectualização do espírito dos seus habitantes. A todo instante esses habitantes respondem aos tipos que lhes aproximam, às mercadorias que lhes são apresentadas, aos modos de agir da exterioridade com classificações intelectualistas. Isto é marcante na vida interior do indivíduo da cidade grande, do indivíduo moderno que elabora formas de preservação de sua vida psíquica contra a diversidade de modos de vida que se lhe apresentam. É como se na cidade grande, por meio da atitude de reserva, houvesse um enfraquecimento das relações de vizinhança.

As relações comunitárias da forma como Tönnies (1947) as caracteriza se aproximariam mais dos modos de viver das cidades pequenas, tal como enuncia Simmel (1987), visto que há prevalência da vontade natural que pressupõe experimentar formas de relações sociais íntimas, interiores, exclusivas e que são duráveis. Já as relações societárias se

aproximariam mais da forma de viver dos indivíduos modernos daqueles que vivem nas cidades grandes de acordo com as reflexões de Simmel (1987). Nesse tipo de relação a vontade racional orienta as ações dos indivíduos de forma a estabelecer metas e selecionar os meios de agir para alcançá-las, sendo o dinheiro um elemento importante para o estabelecimento das relações societárias urbanas que se caracterizam também como mutáveis.

Partindo das considerações de Tönnies (1947) sobre relações comunitárias e societárias e das reflexões de Simmel (1987) em torno do homem moderno e urbano, primeiramente torna possível pensar o bairro como uma entidade espacial onde, de uma maneira geral, se encontra o *lócus* das relações de vizinhança e, poder-se-ia também mencionar, que o bairro seria o equivalente da aldeia. De acordo com Tönnies (1947) a aldeia é o referente espacial das relações de sociabilidade relativas à coabitação territorial. Pensando então a vizinhança como uma interação típica da comunidade, o bairro pode ser analisado a partir desse viés, como o espaço referencial de relações comunitárias experimentadas por meio da vizinhança. Isso, de certa forma, aproxima da ideia de Simmel (1987) sobre a forma de viver em cidades pequenas onde não há o imperativo da economia monetária e tampouco das atitudes de reserva e impessoalidade, pois, ao contrário, os indivíduos se relacionam uns com os outros por intermédio do coração, das emoções. Se tomarmos o equivalente a esse tipo de relação a partir de Tönnies encontraremos as relações comunitárias embasadas na intimidade, no interior.

Ainda sobre relações de vizinhança cabe recuperar aqui os representantes da Escola de Chicago, Park e Wirth, que também teceram considerações sobre esse aspecto da vida em cidades grandes e urbanas. Park (1987) afirma que vizinhança tem relação com sentimentos, tradições e uma história particular. Ele menciona essas características para dizer que ao longo do tempo cada parte da cidade é recoberta por sentimentos e qualidades peculiares de seus moradores e é isso que faz com que um determinado espaço urbano deixe de ser apenas uma localização geográfica e passe a ter forma de vizinhança. Segundo o autor, a vizinhança, expressa pela proximidade e contato entre vizinhos, seria a forma mais elementar e simples de associação que têm lugar na vida cidadina e ela existe sem uma organização formal. Ela é erigida com base na espontaneidade das relações de vizinhança e existe também com a intenção de conferir expressão ao sentimento local em relação aos interesses locais. Park (1987) ressalta ainda que o sentimento de vizinhança tem sofrido mudanças nas cidades grandes e, para retratar o fato, menciona a existência de vizinhança nascente e vizinhanças em processo de dissolução. Essa última pode ser oriunda de mudanças no próprio perfil do bairro ou mesmo pelo fato de que viver na cidade e estar em contato com facilidades de transporte e

comunicação coloca os indivíduos em contato com vários mundos diferentes. Ao mesmo tempo, comenta a existência de vizinhanças urbanas que sofrem de isolamento por se localizarem nos chamados guetos de colônias raciais e/ou de imigrantes, mas que no seu interior podem preservar e intensificar a intimidade e solidariedade dos grupos locais.

Ao tratar do tamanho da população de uma cidade, Wirth (1987) assinalou que quanto maior a população, maior diversidade ela contém. Quanto mais diferentes forem os traços individuais e pessoais, quanto às ocupações e ideias dos indivíduos de uma comunidade urbana, mais amplamente estarão separados do que se comparados aos habitantes de um meio rural. Essa separação, de acordo com o autor, também será perceptível espacialmente, já que “[...] as variações dão origem à separação espacial de indivíduos de acordo com a cor, herança étnica, *status* econômico e social, gostos e preferências.” (WIRTH, 1987, p. 99) Aliado a essa separação espacial notar-se-ia o enfraquecimento dos traços comuns, pois as origens e formação cultural, econômico e social dos indivíduos é tão diversa. Quanto maior o crescimento populacional, maior a possibilidade de não se conhecer pessoalmente os componentes de uma comunidade. Ao mencionar as ideias simmelianas a respeito do homem da cidade grande Wirth (1987) ressalta o fato de que a multiplicação de pessoas que estabelecem contatos superficiais produz a segmentação das relações humanas “[...] em relação ao número de pessoas que eles vêm e com quem se encontram sistematicamente no transcurso da vida diária, eles conhecem uma proporção menor e com estes mantêm relações menos intensivas.” (WIRTH, 1987, p. 100) Um último ponto diz respeito aos seus traços característicos, ou seja, o modo de viver urbano implica na “[...] substituição dos contatos primários por secundários, no enfraquecimento dos laços de parentesco e no declínio do significado social da família, no desaparecimento da vizinhança e na corrosão da base tradicional da solidariedade social.” (WIRTH, 1987, p. 109)

Diante do exposto até aqui, pode-se pensar as relações de vizinhança como algo em processo mais ou menos intenso de enfraquecimento ou quase desaparecimento, a partir das considerações sobre o modo de viver nas cidades grandes e urbanas de Simmel, Park e Wirth. As ideias de Tönnies (1947) dada, inclusive, sua anterioridade aos demais teóricos aqui mencionados, tem pertinência para analisar o teor das interações e das formas de sociabilidade presentes nas “já quase extintas” relações de vizinhança. E, então, o que pensar do contexto contemporâneo e, mais especificamente, como pensar o bairro Cachoeirinha a partir dessas reflexões? Primeiramente é possível dizer que a partir de uma observação preliminar sobre como os moradores do bairro se relacionam nas suas ruas com aqueles que podem ser tanto outros moradores quanto apenas transeuntes, mas que, de maneira geral, podem ser descritos

como desconhecidos na/da cidade, não se observa a presença do conteúdo das relações comunitárias, tal como enunciou Tönnies, e tampouco as referências de relações de vizinhança como descritas por Simmel, Park e Wirth². Isto é, de uma forma geral, os vários desconhecidos da cidade, dada sua densidade populacional e heterogeneidade, são tratados como tais e não são/estão envolvidos com os moradores do bairro Cachoeirinha como se fossem vizinhos, pois não têm com eles qualquer laço de parentesco ou amizade. Isso pode levar a pensar que as relações de vizinhança num ambiente citadino urbano têm mesmo a tendência ao enfraquecimento, ao desaparecimento, dada a diversidade de formas de viver, a diversidade de origens, ocupações, etnias, orientações religiosas etc. Só que não se pode perder de vista que o exemplo dado é relativo aos moradores ou transeuntes desconhecidos, esses não são os sujeitos de relações de vizinhança, pois são efetivamente do espaço exterior, público e não da intimidade. Isso estaria mais próximo do que Simmel (1987) menciona que na cidade grande a impessoalidade possa parecer fria aos olhos de um morador de uma cidade pequena. Ou mesmo, como Andrade e Mendonça (2007) questionam, isso seria uma pista para corroborar com a ideia de que o ambiente das grandes cidades não é propício para as relações de vizinhança? Não necessariamente, pois uma observação mais detida e uma aproximação efetiva com os moradores do bairro permitiu perceber o quão valorosas são consideradas as relações de vizinhança. Os vizinhos são, efetivamente, sujeitos que têm uns com os outros laços de amizade ou parentesco. Foi recorrente em praticamente todos os relatos recolhidos a menção a alguma situação rememorada da qual o vizinho era um sujeito fundamental da história ou mesmo a importância dos vizinhos para o sentimento de pertencimento e enraizamento no bairro.

O comércio mudou, mas a vizinhança continua, é como se fosse uma família. (Sr. Armando, 88 anos, 28 mar. 2009)

Não tenho coragem de sair daqui não. É uma vida inteira. E aqui é um bairro assim, sabe, se a gente precisar de alguma pessoa, essa pessoa está sempre pronta a ajudar. No dia em que minha filha morreu, essa que morreu por último, parecia que o comércio fechou, porque todo mundo tava lá no velório. Parece que o bairro ficou de luto. (D. Conceição, 80 anos, 31 mar. 2009)

Olha, em primeiro lugar eu ia te falar que eu nunca conheci outros bairros. Não tinha outro bairro melhor, porque aqui eu tive minhas lutas e muitas vitórias também. Amor uns com os outros tem, aqui tem pessoas amigas mesmo, a vizinhança é bom mesmo. (D. Manuela, 57 anos, 30 maio 2009)

Eu conheço todo mundo aqui no bairro, eu paro converso com um, converso com outro tem amizade, tem minha mãe, meus irmãos, amizade também. As casas

² Ao colocar os três teóricos reunidos para mencionar a reflexão sobre relações de vizinhança não quero dizer que os três partilharam das mesmas noções.

vizinhas são de gente da família. Eu sei quem mora aqui na frente, ali na esquina, paro, converso. (Nely³, 47 anos, 20 abr. 2009)

É como se os moradores do bairro tivessem seus olhares muito voltados para o local onde moram. Esse é o espaço onde se situam na cidade, os mais velhos fazem referência ao bairro e aos vizinhos, amigos e conhecidos que têm ali, como se fossem parte da vida inteira vivida e experimentada naquele lugar, naquela vizinhança. Assim, percebe-se que a experiência dessas relações ainda é grande e que o sentimento de enraizamento àquele bairro tem forte ligação com as relações comunitárias, nos termos de Tönnies (1947), que não ficam circunscritas somente aos laços de consanguinidade, mas também aqueles relativos à coabitação territorial.

Mas como forma de atualizar a reflexão em torno das indicações dos teóricos sobre as questões referentes à vizinhança e aproximar o olhar para o bairro aqui em questão, valerá capturar duas possibilidades de análise para o contexto contemporâneo, de acordo com Andrade e Mendonça (2007):

1. a vizinhança ou o bairro ainda podem ser considerados como um lugar de referência para os habitantes de uma cidade, por isso a ainda atualidade da pergunta: onde você mora?
2. a ideia de Simmel sobre o morador da cidade grande como possuidor de uma independência maior em relação ao espaço devido a maior possibilidade de mobilidade e/ou porque tem capacidade de manter relações com aqueles que estão distantes ao mesmo tempo que se distancia de quem está próximo.

Essas questões possibilitam pensar o bairro como um espaço citadino onde os seus moradores entrelaçam seus cotidianos a partir das interações e das relações de sociabilidade que desenvolvem com aqueles que lhes são próximos e, em muitos casos, conseqüentemente, conhecidos. Proximidade e conhecimento que podem ser revelados por uma trajetória ocupacional compartilhada em um mesmo local, pela frequência a uma mesma instituição religiosa, pelos anos de estudos numa mesma escola, por questões geracionais, por relações de afeto em outros momentos da vida (infância, adolescência) e, evidentemente, pelo fato das

³ Essa moradora nasceu no bairro Cachoeirinha, casou-se e foi morar no bairro Jaraguá, Regional Norte, onde permaneceu por 14 anos. Depois desse período retornou ao bairro onde nasceu para estabelecer moradia.

residências serem no mesmo espaço da cidade que pode ser mais amplamente definido como o bairro ou como uma de suas ruas e/ou esquinas. No caso dos moradores do Cachoeirinha, essas formas de proximidade e conhecimento aqui descritas perpassam muitos dos relatos coletados, visto que é possível montar uma rede de conhecimento entre aqueles que conversei, porque me foram indicados e apresentados uns pelos outros, ou porque por outras vias acabava percebendo o quanto a vida de alguns deles, principalmente os mais velhos, esteve entrelaçada, ou melhor, foi tecida pelos acontecimentos sociais que ali tiveram lugar.

Tomando como referência as relações de conhecimento e partilha de experiências é possível pensar o bairro a partir da ideia de um lugar de *reconhecimento*, como assinala Mayol (2005), bem como a partir das considerações de Gonçalves (1988) sobre a apropriação dos espaços como forma de desvendar percepções e significados construídos a partir da relação entre os moradores do bairro e as práticas sociais que nele desenvolvem. Essas práticas sociais, de acordo com Gonçalves (1988), são recobertas por valores afetivos que não se circunscrevem somente ao fato de significarem envolvimento e relação com outros moradores, mas também de valores afetivos relativos ao lugar onde tais envolvimento e relações aconteceram, ou seja, o bairro é também recoberto por valores afetivos. Sendo assim, é possível dizer que as relações de vizinhança foram citadas de forma tão recorrente nos relatos sobre o bairro Cachoeirinha que esse pode ser percebido, pelos menos por alguns de seus moradores, como um espaço de reconhecimento de lugares, trajetos, relações com vizinhos e comerciantes. Como assinala Mayol (2005), o vizinho permite a prática do reconhecimento, pois não é anônimo, e o bairro, onde essa prática é realizada se apresenta como um sinal de pertencimento a um espaço da cidade, o lugar onde a prática cotidiana da vida pública primeiramente se realiza. É como se a cidade fosse re-fabricada pelo uso cotidiano que seus moradores realizam no bairro. Logo, o bairro pode ser considerado por seus moradores como um lugar de referência na cidade.

Mesmo que o espaço citadino urbano favoreça, como mencionou Simmel (1987), uma liberdade maior dos indivíduos uns em relação aos outros e que as distâncias e proximidades entre eles sejam fruto de escolhas, o espaço do bairro acaba por favorecer a aproximação e não o distanciamento. A liberdade não é utilizada necessariamente para manter distâncias entre uns e outros, mas ao contrário, o cotidiano pode traçar entrelaçamentos de trajetos, de ocupações, de vizinhança que acabam por facilitar as aproximações. Então, é como se o bairro não fosse o espaço ideal para a existência desse tipo de liberdade típica do centro urbano, ou melhor, é como se no bairro essa liberdade de escolhas em torno da proximidade e distanciamento fosse praticada diferentemente, pois a proximidade física das residências, a

possibilidade da realização das atividades de trabalho no mesmo local, a frequência à igreja, entre outras atividades, favorecerem o contato e a intensidade das relações entre vizinhos que se fixam ao longo do tempo. O distanciamento, muitas vezes, é experimentado em função da distância física das residências.

O sentido de pertencimento ao bairro é muito forte, visto que vários moradores, em especial os mais velhos, se pronunciam dizendo que não têm a menor intenção de deixar o bairro, os argumentos para essa permanência têm relação com os vínculos sociais e físicos que estabeleceram e que se encontram entrelaçados. Para avançar essa ideia de pertencimento a um lugar por meio dos vínculos sociais e físicos, ou seja, a relação entre os valores simbólicos e a forma urbana, a noção de território pode ser elucidativa. Segundo Roncayolo (2001, p. 189) “[...] mais do que percebido, o território é aprendido pelo indivíduo e construído pelas práticas e crenças que são de natureza social.” Isso implica dizer que os referenciais culturais são importantes para uma leitura das percepções espaciais as quais não se constituem apenas pelos elementos da ordem do visível. Dessa maneira, o sentimento de pertencimento territorial está fortemente associado às instituições como família, comunidade, cidade e a ideia de que “[...] territorialidade antes de ser expressa pela ligação a um lugar específico é, antes de mais nada, relação entre homens. Assim sendo, as comunidades territoriais são reconhecidas institucionalmente ou simplesmente derivadas da prática constituindo referência para o indivíduo” (RONCAYOLO, 2001, 195) O território pode, então, ser considerado o repositório das relações entre as pessoas, das atribuições de sentido e significado fruto dessas relações, bem como pode ser pensado como uma forma de leitura e apreensão da passagem do tempo, da inscrição de marcas de outros momentos, outras pessoas, ou as mesmas pessoas em outros momentos. Com efeito, para que ocorra uma possibilidade de análise de um território, seja ele a cidade ou o bairro, é necessário ter acesso a esse conjunto de sentidos oriundos das práticas dos homens em tais lugares para que não se incorra no equívoco de “ler” bairros e cidades, apenas a partir de sua morfologia, pois essa também sofre com a passagem do tempo e acaba por conter suas marcas ou mesmo desaparecer. A vinculação dos sujeitos com um lugar, a realização de práticas e usos cotidianas que ali ocorrem ou ocorreram contribuem para que se possa apreender não só a passagem do tempo, mas também os sentidos e significados que foram atribuídos ao longo do tempo.

Entre as práticas e os usos cotidianamente realizados no bairro ressalta-se aqui as relações de vizinhança que podem ser analisadas como uma das formas que os moradores explicitam sua maneira de sentir a sua ligação, o seu pertencimento ao bairro. Relações de vizinhança que foram construídas ao longo do tempo que são fruto de entrecruzamentos de

atividades e subjetividades e que, conseqüentemente, marcaram a trajetória dos moradores de um dos espaços de Belo Horizonte, bem como deixaram marcas no espaço e no tempo por eles experimentados no bairro Cachoeirinha.

O passado no presente: o “envelhecimento” do bairro Cachoeirinha e sua (in)visibilidade

O entrecruzamento de tempos diferenciados foi elemento marcante das narrativas dos moradores do bairro Cachoeirinha fossem eles mais velhos (aqueles com mais de 60 anos) ou mais jovens (na faixa dos 40/50 anos). Houve sempre uma referência a um outro momento do tempo que não o presente para, inclusive, situar configurações físicas ou até mesmo mencionar diferentes formas de relações sociais. O entrecruzamento dos tempos ficou, então, explicitado pelo tempo vivido, experimentado, guardado na memória, e o tempo atual que está se fazendo e esse fazer consiste também em decifrar marcas do que já existiu. Partindo da questão temporal é que buscarei identificar como a passagem do tempo permite compreender o bairro de três perspectivas:

- como um lugar envelhecido;
- a partir da relação entre bairro envelhecido e invisível;
- como envelhecimento e invisibilidade insistem em existir mesmo frente as mudanças ocorridas na cidade: será que a mudança ficou no exterior do bairro?

Para elucidar o primeiro ponto vale mencionar que quando indaguei aos moradores do bairro Cachoeirinha sobre o que identificavam como mudanças ocorridas ao longo do tempo, eles falaram tanto das mudanças físicas, estabelecimentos comerciais, serviços e o próprio funcionamento da fábrica⁴, como dos fatos relativos aos acontecimentos culturais, como o cinema, o teatro, as barraquinhas da igreja, o futebol e mesmo o *footing* que foi lembrado pelos mais velhos. Interessante foi perceber que mesmo com a ausência dos estabelecimentos comerciais, de alguns serviços, das festas e dos eventos culturais eles foram enfáticos em dizer o quão intensa é a ligação com o bairro, que dele não desejam sair, demonstrando um forte sentimento de pertencimento ao lugar. Daí as questões: como interpretam as mudanças, o que permanece frente às mudanças e como permanecem.

4 Nos anos 1930 a Companhia Industrial de Belo Horizonte – CIBH – primeira fábrica têxtil da cidade que iniciou suas atividades em 1905 – transferiu parte de suas atividades para as instalações do bairro Cachoeirinha.

O bairro Cachoeirinha foi aprovado pela Prefeitura nos anos 1930 e ao longo de sua existência as mudanças que ali ocorreram são referentes às obras de infra-estrutura urbana, visto que os serviços de abastecimento de água, esgotamento, calçamento de ruas, edificação de escolas, posto de saúde, foram fruto de reivindicações dos moradores, pois os bairros localizados fora da área central de Belo Horizonte contrariaram a forma de crescimento planejada para a cidade e surgiram sem os serviços básicos de infra-estrutura urbana. Sendo assim, o bairro sofreu alterações em sua morfologia, fruto do atendimento às reivindicações dos moradores e construiu sua história na cidade configurando-se como um bairro popular que, posteriormente, ganhou o rótulo de operário em face à transferência das atividades da Companhia Industrial de Belo Horizonte – CIBH, para o Cachoeirinha.

Hoje o bairro tem suas ruas asfaltadas, escolas, posto de saúde, as residências em sua maioria são edificações unifamiliares, mas já encontram-se alguns prédios de apartamentos de baixa volumetria, não há mais as atividades da CIBH, porém suas instalações contam hoje com atividades de outra indústria têxtil. Além das mudanças físicas, algumas atividades também não fazem mais parte do cenário cotidiano do bairro, como a realização do *footing*, as apresentações de teatro e as sessões de cinema no antigo Cine Pax, as barraquinhas da Igreja, a própria igreja ganhou novo prédio e mudou de endereço.

O bairro viveu a passagem do tempo que nele se efetiva com as mudanças físicas e de hábitos, usos e costumes dos moradores em relação à fruição de seus espaços e das atividades neles realizadas. Mesmo que a paisagem tenha mudado, alguns traços de “velhas” relações ainda se mantêm presentes. Os espaços públicos modificaram-se, mas a experiência de viver o bairro como extensão do espaço privado do ambiente doméstico ainda existe visto que as relações de vizinhança expressam a extensão do mundo doméstico, a extensão das relações do mundo privado. O uso cotidiano desse espaço público – o bairro – é que o permeia de características mais próximas do espaço privado. Segundo Mayol (2005, p. 40) “pode-se apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo de todo o mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço”.

É possível perceber como o Cachoeirinha sofreu alterações em sua morfologia e os moradores foram, concomitantemente, alterando suas rotinas, seus hábitos e seus costumes, contribuindo, dessa forma, com as mudanças nas atividades cotidianas. Tais modificações não são, de fato, oriundas de um movimento interno, ou seja, as mudanças que ocorrem no bairro são, em certa medida, reflexos de mudanças na própria estrutura urbana da cidade. Dessa maneira, o bairro Cachoeirinha modificou-se ao longo do tempo no que se refere à sua

paisagem, mas também às formas de viver de seus moradores; mudanças essas que devem ser pensadas em relação à cidade e não remetidas somente à realidade local. Assim como Belo Horizonte foi sendo modificada física, econômica, urbanisticamente e nas formas como seus moradores experimentam o cotidiano na cidade, o bairro Cachoeirinha também mudou. É como se a cidade – vista como totalidade (LEFEBVRE, 1975) – fosse mudando ao longo do tempo e seus bairros, conseqüentemente, fossem os espaços onde tais transformações também se revelariam.

O entorno do bairro alterou de maneira bem mais intensa que o seu interior. Novos bairros surgiram, como foi o caso do Palmares,⁵ com a inauguração do Minas Shopping no início da década de 1990. Um dos impactos desse crescimento do entorno do Cachoeirinha foi o não desenvolvimento, por exemplo, do comércio local.

[...] existe o problema do comércio ser muito pobre, o comércio da Cachoeirinha hoje é mais pobre do que já foi, por causa da construção do Minas Shopping, que é ali pra nós, do lado, muito fácil de ir. Aliás estamos entre dois: tem o Shopping Del Rey e o Minas. O Del Rey é mais longe, o acesso é um pouco mais difícil, mas mesmo assim é perto. De modo que não há assim uma premência do pessoal abrir um bom comércio aqui, não tem. As pessoas têm medo de construir uma coisa e depois não possa dar bom resultado. O melhor que eu acho aqui do bairro é justamente a amizade do pessoal. E houve uma época que a gente podia ficar sentado lá fora conversando até meia noite no tempo de calor sem nenhuma preocupação. Agora já não pode mais, como em toda parte as coisas agora não é segura mais. Mas mesmo quando nos outros bairros já não havia segurança aqui ainda era seguro. (D. Conceição, 80 anos, 31 mar. 2009)

A padaria tem que descer lá embaixo. O comércio é muito pobre aqui na Cachoeirinha. Na Mexiana⁶, que já pertence a Renascença, tem padarias boas, na Descalvado⁷ também tem uma padaria boa. Açougue não tem, tem supermercado que tem açougue. Lotação aqui tá péssimo. (D. Amélia, 72 anos, 15 abr. 2009)

Mas mesmo que o bairro seja uma expressão das próprias modificações que ocorreram na paisagem urbana de Belo Horizonte o que aparece como marca dessas mudanças? O que se configura como especificidade da passagem do tempo nesse lugar específico da cidade de Belo Horizonte? Sobre esse ponto volto a discutir o aspecto do envelhecimento do bairro.

⁵ É possível chegar a esse bairro apenas seguindo em linha reta a Avenida Bernardo Vasconcelos, uma das principais vias de acesso ao Cachoeirinha, que no seu final encontra-se com a Avenida Cristiano Machado no ponto onde se localiza o Minas Shopping.

⁶ Renascença é um bairro vizinho, mas atualmente a correta denominação da rua “Mexiana” é “Clara Nunes” uma homenagem à cantora que trabalhou na fábrica de tecidos do bairro Renascença.

⁷ Rua Descalvado é a continuação da Rua Simão Tamm uma das ruas centrais do bairro que circunda o terreno da Companhia Industrial de Belo Horizonte – CIBH.

Como pode ser lida, em uma cidade tão jovem como Belo Horizonte, a situação de envelhecimento de uma de suas partes? Esse envelhecimento pode ser descrito como restrito às questões morfológicas devido ao fato de que suas edificações não apresentam sinais de atualização arquitetônica? Esse envelhecimento diz respeito ao fato de seus moradores estarem ficando idosos e os jovens não se apropriarem de seus espaços com novos usos? O envelhecimento do bairro pode ser interpretado como um dos aspectos da sua (in)visibilidade na cidade?

Para buscar respostas para essas questões as pistas que apareceram foram relativas às narrativas colhidas junto aos seus moradores. São eles os primeiros a me fornecer sinais desse envelhecimento que, algumas vezes, relacionam com o envelhecimento pessoal e do que ele significa. As marcas mais visíveis de tal envelhecimento dizem respeito à idade dos moradores e aos formatos das edificações. Mas, por mais que isso fosse visível pelas formas físicas das edificações e pelas idades dos moradores, foi o próprio discurso de que o bairro envelheceu que corroborou para que minha impressão do seu envelhecimento fosse mesmo realidade. Com isso, minhas suposições começaram a se firmar como uma forma de caracterização do Cachoeirinha: estudava um bairro da cidade que poderia ser descrito como envelhecido tanto pelas edificações quanto pela idade dos moradores, mas também por um discurso relativo às mudanças endógenas do lugar que se referiam ao seu envelhecimento.

Era um bairro jovem e o bairro envelheceu. Até a minha geração, minha época, você saía na rua era cheia de jovem, vinha o pessoal da rua de cima, da rua de baixo, juntava todo mundo, eram os namoricos. Hoje você não vê jovens na rua. (Cristina, 47 anos, 21 mar. 2010)

Pra juventude de hoje não tem uma diversão, não tem uma distração. Agora todo mundo vai pra cidade, mas os encontros de jovens que acontecem não têm muita repercussão. [...] Não vê jovem na rua. Precisamos de sangue novo na Igreja. (D. Eliana, 78 anos, 21 mar. 2009)

Bairro nunca toma aspecto moderno porque não pode construir prédio alto. (D. Conceição, 80 anos, 31 mar. 2009)

A gente envelheceu e o bairro também. Eu na minha idade, o bairro pra mim hoje não tem nada. (D. Amélia, 72 anos, 15 abr. 2009)

Todos que moravam na época da minha avó, continuam morando na rua. Os vizinhos são os mesmos. Aqui é uma rua de gente mais idoso. Dá nove horas não tem mais ninguém na rua. (Sônia, 37 anos, 30 abr. 2009)

A Cachoeirinha é um bairro velho, muito conservador Não progrediu. Não tem casas boas. Na Simão Tamm tem 20 anos que não faz uma casa na Simão Tam.

*Senhora da Conceição*⁸ não faz casa. Na Cachoeirinha casa chic é só naquele alto lá⁹. (Sr. Jarbas, 73 anos, 03 mar. 2010)

Esses discursos, mesmo que tímidos, sempre foram ditos ao final dos meus encontros com os moradores como uma forma de caracterização atual do bairro. Eles contêm um tom de nostalgia, uma lembrança de um tempo que não existe mais e de um espaço que não se configura mais a partir dos mesmos usos e apropriações. “[...] ‘nostalgia’ que parece decorrente do fato de que as mudanças na vida cotidiana aparecem como perdas; de certo “estilo” que tinha a vida e não tem mais; [...]” (CARLOS, 2001, p. 249) E o ato de rememorar apresentava-se aos moradores com quem conversei como uma possibilidade de tornar presente o passado, de atualizar o tempo. Nesses momentos era perceptível como a possibilidade da narração só ocorria porque o testemunho da experiência estava sendo revelado, pois como assinala Sarlo (2007), não há testemunho sem experiência. Fazer vir à tona os relatos de um outro momento no tempo era como selecionar os eventos, os acontecimentos, as situações de outrora que tiveram sentidos importantes, marcantes na trajetória de vida desses moradores da cidade de Belo Horizonte pelo que experimentaram em suas vidas. É como se esse rememorar significasse uma forma de não permitir que o passado escape, que as formas antigas de relações não deixem de existir, que elas possam resistir, mesmo que por momentos efêmeros relativos à lembrança de determinados acontecimentos.

Interessante pensar que as modificações ocorridas no Cachoeirinha não são mencionadas pelos moradores como imposições de modos de viver externos ao lugar. Quero dizer com isso que as mudanças não foram fruto de imposições do poder público, por exemplo, mas resultado mesmo da passagem do tempo, da inserção na história que tem como consequência as alterações que indicam o dinamismo dos tempos e lugares. O tempo passado é sempre referência para pensar o presente, seja para as indicações das mudanças físicas ocorridas, seja para dizer de fatos e acontecimentos que não fazem mais parte da paisagem do bairro, seja para marcar como o tempo passou e como o morador decifrou essa passagem. O teor de envelhecimento é inscrito nas lembranças dos moradores e, uns mais outros menos, falam com saudades do tempo e das atividades que já se foram, mas inevitavelmente falam do passado como forma de referenciar o presente. O que e como foi o bairro e o seu cotidiano frente ao que é e como se apresenta hoje. O bairro aparece então como envelhecido na própria

8 Rua perpendicular a Simão Tamm.

9 Esse alto que o morador se refere já é próximo à divisa com o bairro Concórdia.

fala dos moradores que recorrentemente voltam no tempo para explicar acontecimentos atuais. A memória figura, então, como elemento fundamental para presentificar o tempo passado e o espaço que não pode mais configurar-se nem como suporte material de atividades, usos, práticas que não acontecem mais. Ocorre a rememoração dos espaços de enraizamento, pois com são familiares, são também embebidos de significados relativos às experiências passadas.

Gosto de tudo aqui. É minha vida. Meus meninos nasceram aqui, estudaram no Mariano de Abreu, batizaram na igreja da Cachoeirinha, casaram na igreja da Cachoeirinha. É minha vida. Não mudo daqui por nada, por dinheiro nenhum. Tenho minha casa, eu costumo brincar com meus filhos dizendo que se o juiz me tomar minha casa por causa de dívida, eu não vendo não. Meus dois filhos moram lá, meus netos moram lá. Não mudo daqui por nada. Só gosto da Cachoeirinha mesmo. Só vou daqui pra Colina¹⁰. [...] Lugar aqui é maravilhoso. (Sr Jarbas, 73 anos, 03 mar. 2010)

E pra falar a verdade, se você me perguntasse: em Belo Horizonte se você quisesse morar em algum lugar, qual seria? É o Cachoeirinha. Aqui é muito gostoso, muito tranqüilo. [...] Pra sair da Cachoeirinha eu tenho que sair da cidade, não tem um outro bairro assim, Cachoeirinha realmente é o melhor bairro. Meu marido não gostava do Cachoeirinha, mas já incorporou. (Cristina, 47 anos, 20 abr. 2009)

O bairro Cachoeirinha apareceu neste trabalho como um lugar recoberto de significações referentes a um modo de viver que mais se assemelha à província do que a metrópole. Mesmo que o passar do tempo tenha propiciado mudanças na paisagem do bairro, seus moradores, principalmente os mais velhos, não só rememoram as formas como vivem o cotidiano marcado pelas relações de vizinhança, pelos encontros nas ruas e na Igreja, como se ainda fosse possível viver ares interioranos na capital do estado de Minas Gerais. Preservar modos interioranos de viver seria também uma marca do envelhecimento porque os moradores mais velhos relatam esse modo de viver mais próximo de uma cidade do interior como um resquício do tempo, como uma forma de presentificar o que já se foi, mencionando que ainda hoje os vizinhos são muito importantes, ou seja, um discurso nostálgico que tem forte relação com o passado, com o passar do tempo, com o envelhecer.

Mesmo os pequenos atos de violência que ocorrem no interior do bairro Cachoeirinha, várias vezes são delegados aos de “fora”, pessoas que não são do bairro, pois esse é um lugar de todo o universo da pessoalização visto que “todo mundo conhece todo mundo”, “um vizinho toma conta do outro” tornando-se para os moradores um repositório de um ideário relativo ao mundo da casa, da vizinhança, da esfera do privado.

¹⁰ Colina é um cemitério de Belo Horizonte.

O território onde se desdobram e se repetem dia a dia os gestos elementares das artes de 'fazer' é antes de tudo o espaço doméstico, a casa da gente. De tudo se faz para não 'retirar-se' dela, porque é o lugar 'em que a gente se sente em paz'. 'Entra-se em casa', no lugar próprio que, por definição, não poderia ser o lugar de outrem. Aqui todo visitante é um intruso, a menos que tenha sido convidado a entrar. (CERTEAU e GIARD, 2005, p.203)

É como se o bairro figurasse não somente como o lugar onde a casa se localiza, onde a esfera do privado é praticada, mas como se ele fosse a extensão dessa prática do privado. Não é só a casa que é descrita como lugar aconchegante, boa para se viver, mas a rua do bairro e os vizinhos também o são. Assim como a casa é uma das primeiras referências da esfera do privado em relação aos seus donos, é como se o bairro assim o fosse em relação à cidade, ou seja, a casa referencia o âmbito do privado em relação ao indivíduo, assim como o bairro e seus moradores estivessem relacionados com o privatizado em relação à cidade.

As adjetivações contidas na forma como decifram o bairro, descrevem a ligação que têm com ele e como essa ligação é carregada de elementos que remetem à esfera do privado e da pessoalidade. Não se pode deixar de mencionar que a alegação de que são os "outros" os responsáveis e autores da violência é também uma forma de se definir em termos identitários, se diferenciar do "outro", apresentar o "outro" como diferente de "nós", quem é daqui não realiza esse tipo de ação. Marca-se a diferença e afirma-se a identidade. (SILVA, 2000)

O bairro Cachoeirinha, tal como descrito por seus moradores, contém um modo de viver que está relacionado com um universo de pessoalidade, pois carrega marcas da esfera privada, por isso se assemelha a um modo de viver interiorano, de cidade pequena. Dessa forma, o desconhecimento de grande parte dos habitantes de Belo Horizonte sobre a existência e/ou localização do bairro Cachoeirinha pode ser atribuído à ideia que seus moradores expressam de que aquele lugar é, de algum modo, íntimo, privado, é só de quem mora lá¹¹. Os "outros", os de "fora" não têm acesso ao imaginário que recobre o bairro e por isso nem sequer sabem da existência ou se sabem, localizá-lo geograficamente na cidade é que é difícil. Mas em outros bairros de Belo Horizonte também é possível deparar com esse modo de viver. Então a especificidade do bairro Cachoeirinha é o fato de estar voltado para "dentro" e a forma como se apresenta para fora, ou seja, quais são os usos e valores que o recobrem.

11 Relacionado a essa questão faço aqui referência a um pergunta que praticamente todos os moradores entrevistados me colocaram: como e por que você decidiu estudar esse bairro se você não é daqui?

Os moradores do Cachoeirinha experimentam a privatização de seus espaços públicos (MAYOL, 2005) e isso foi importante para pensar a sua (in)visibilidade na cidade. Essa (in)visibilidade pode estar relacionada não só com o modo de viver parecido com o de uma cidade pequena onde predominam as relações comunitárias (TÖNNIES, 1947), mas como esse modo de vida que não se mostra para a cidade como um todo. É como se nos espaços internos do bairro prevalecesse o reconhecimento e o conhecimento, a prática de tornar privados os espaços públicos como as calçadas, por exemplo. Os moradores adotam comportamentos mais próximos das interações comunitárias, de práticas relativas à esfera privada. Já em relação ao exterior prevalece o desconhecimento, o bairro apresenta ares de cidade grande, o movimento dos carros, o trânsito de pessoas, a visita aos bairros vizinhos, à esfera pública é que aparece fazendo com que as relações societárias prevaleçam. Daí pensar que sua (in)visibilidade tem ares modernos visto que na cidade grande e moderna frente à quantidade de estímulos nervosos, no intuito de preservar sua individualidade, as pessoas adotam a indiferença, o anonimato e a atitude de reserva (SIMMEL, 1987). Os indivíduos assim se mostram, se apresentam na cidade grande. Os moradores do Cachoeirinha assim o fazem em relação ao restante da cidade, se apresentam como os anônimos da cidade grande, da multidão, mas no seu interior reclamam para si a característica do conhecimento mútuo frente aos que são de lá. Para Belo Horizonte e seus habitantes o bairro Cachoeirinha é quase anônimo, (in)visível, mas para seus moradores ele é o reduto onde a vida privada extrapola os limites da residência e onde preservam seu modo de viver provinciano na metrópole, onde exercitam a prática do privado além dos muros de suas casas.

Os relatos dos moradores descrevem o bairro como eles o percebem e essa visão é carregada de uma ideia de bairro ideal: o definem como o melhor lugar da cidade para se viver e enfatizam a falta que sentiriam dali caso precisassem se mudar. É como se o bairro fosse um lugar especial da cidade de onde seus moradores não quisessem sair e, mais, é como se pudessem se preservar da indiferença e do movimento da cidade não se mostrando, se guardando só para os seus. É como se quisessem envelhecer com tranquilidade e para tanto tornam-se invisíveis.

O bairro Cachoeirinha não apresenta um conteúdo de imagens negativas vinculadas ao bairro em relação ao seu aspecto de (in)visibilidade¹², pois mesmo tendo sido caracterizado à

12 A questão da invisibilidade no bairro carioca do Andaraí (LEITE e FABIÃO, 2003, p. 72), diferentemente do Cachoeirinha, diz respeito à associação do bairro, ao longo do tempo, com uma imagem negativa vinculada ao seu passado operário e à existência, atualmente, de favelas que compõem o complexo do Morro do Andaraí.

época do seu surgimento como bairro operário e hoje se configure como um bairro popular¹³, seus moradores não fazem referência a um conjunto de imagens negativas para se referir ao seu local de moradia. Identificam tanto interna quanto externamente que seus endereços residenciais são no Cachoeirinha e não em um dos bairros de sua vizinhança, ou seja, reiteram a sua experiência de pertencimento àquele lugar como sendo algo positivo, visto que nos seus relatos, vários deles afirmam seu gosto de morar no bairro e seu desejo de nunca sair dele.

Eu amo o bairro, aqui é perto do centro, qualquer ônibus eu posso pegar. É muito central, dá pra ir a pé para o centro é muito pertinho. (Paula, 26 anos, 31 maio 2009)

Não existe um bairro melhor que o Cachoeirinha pra morar. (Sr. Jarbas, 73 anos, 03 mar. 2010)

Talvez uma descrição mais precisa do bairro fosse uma referência ao fato de não ter visibilidade. Isso pode parecer apenas um jogo de palavras, mas o que significa é mais, pois não ter visibilidade não é simplesmente um sinônimo de invisível, mas contém a impressão de que não há nenhum movimento no sentido de se apresentar diferentemente ao “outro”, aos de “fora”, ou seja, não há intenção de ser visto, percebido de alguma forma pelos demais habitantes da cidade, o que o torna um bairro que não oferece atrativos aos que não são de lá e que desconhecem a forma como o cotidiano ali é tecido. Dito de outra forma, os moradores do Cachoeirinha, numa atitude de preservar o anonimato, mantêm a atitude de reserva em relação ao restante da cidade, como forma de não serem vistos, percebidos e assim manterem o modo como vivem preservado e mantido frente às mudanças. É como se fosse possível ser moderno – reservado, anônimo – para fora, mas tradicional no seu interior – com a preservação de um modo provinciano de viver o cotidiano.

Outro ponto relativo a não visibilidade do bairro pode ser identificado a partir do tipo de mudanças que nele ocorreram. Como já foi dito, as residências do Cachoeirinha são em sua maioria unifamiliares e de arquitetura simples, o que coaduna com a caracterização do bairro como sendo popular.

O bairro Cachoeirinha caracteriza-se como popular, assim como grande parte dos bairros da cidade, mas diferentemente de seus dois vizinhos mais próximos: Concórdia e Renascença, por exemplo, que são considerados médios. Como bairro popular as mudanças mais significativas ocorreram no entorno do Cachoeirinha, as grandes avenidas e suas obras de revitalização e ampliação: a linha verde na Avenida Cristiano Machado e a ampliação da

¹³ Essa classificação do Cachoeirinha como popular será apresentada na próxima página.

Avenida Antônio Carlos. Os empreendimentos comerciais como o Minas Shopping e o Shopping D'el Rey nos bairros vizinhos. Tais mudanças no seu entorno e uma das características que o apresentam como um bairro pericentral – sua proximidade do centro da cidade – não serviram como atrativos para a mudança da paisagem interna ao bairro, já que seu entorno sofreu alterações com obras de grande porte, mas seu interior permanece, ou pelo menos, tenta permanecer como no passado. Alguns moradores são enfáticos em dizer que nenhum tipo de investimento, principalmente, no ramo comercial, tem bons resultados no bairro.

Cachoeirinha é um bairro que nada vai pra frente, mas é um bairro super aconchegante. Todo mundo conhece todo mundo. É um bairro super tranquilo com pouquíssima incidência de algum crime, de coisas bárbaras. Nada vai pra frente. Monta uma pizzaria dura um ano arrastado, monta uma padaria legal, um açougue e não dá. Não tem opções de nada aqui no bairro. Tem lá na Clara Nunes que já não é Cachoeirinha, é Renascença, mas na Cachoeirinha nada nunca foi pra frente. [...] o bar do careca é a única exceção a regra. (Cristina, 47 anos, 20 abr. 2009)

Se o Bar do Careca dependesse da Cachoeirinha ele já tinha fechado. [...] Uma cerveja no bar alo deve ser R\$ 2,20 e no Careca deve ser R\$3,50 ou R\$4,00. O Careca já ganhou há uns dois anos atrás o “Comida de Buteco”. (Sr. Jarbas, 73 anos, 03 mar. 2010)

É como se o bairro resistisse às mudanças. Os moradores não aderem à novidade que nele se instala, seja o bar, a pizzaria, mas ao mesmo tempo esse bar e agora a pizzaria pertencente a uma rede da cidade, existem mais para aqueles que estão de passagem pelo bairro e não para seus moradores. Comerciantes tradicionais resistem como se as mudanças não os alcançassem diretamente, no sentido de que “novidades” em termos, por exemplo, de estabelecimentos comerciais, não fossem atrativas para o bairro, ou melhor, o bairro não é atrativo para esse tipo de negócio. Assim, dá a impressão de que as mudanças não o alcançam, não o tomam como alvo direto.

Os moradores do Cachoeirinha aludem à estagnação do bairro ao seu envelhecimento não como um aspecto estritamente negativo que faz com que o bairro apareça aos “de fora” como parado no tempo. As referências aos moradores de outros bairros da região, não dizem respeito a uma visão negativa que possam ter do bairro, eles os mencionam para falar de aspectos negativos como a presença de atos de violência, bem como para dizer da disponibilidade de serviços e estabelecimentos comerciais nesses bairros. Nesse sentido, os moradores do Cachoeirinha tornam-se (in)visíveis aos olhos daqueles que são de fora e, assim, definem-se a partir da forma como vivem no interior do bairro, nas relações que estabelecem com seus vizinhos, com seus familiares, com as pessoas que fazem parte das relações de afeto. São visíveis para os “seus outros” que se definem como os moradores do

bairro e não para os “outros” de fora. A visibilidade depende da alteridade e essa é experimentada de forma mais evidente pelos moradores do Cachoeirinha nas interações que realizam no interior do bairro.

A condição de visibilidade na cidade tem forte relação com o reconhecimento da identidade tanto pelo espelhamento frente aos seus iguais quanto pela distinção do outro, segundo Ribeiro (2009). Assim, aquilo que pode nos tornar visíveis pode, também, ao mesmo tempo, nos tornar invisíveis aos olhos do outro. Por isso a autora menciona que a condição de visibilidade depende da alteridade: o eu e o outro não existem sem se referenciarem. Partindo desse pressuposto é possível pensar o fato dos moradores do Cachoeirinha não se tornarem visíveis aos “outros” que são de fora do bairro como uma estratégia identitária e de apresentação no cenário urbano, mesmo que inconsciente. Eles tomam como referência para a experiência da alteridade os “seus outros” que habitam o bairro e neles se espelham para se distinguirem daqueles que são de fora. Dessa forma, ao mesmo tempo em que se tornam visíveis para o interior do bairro, tornam-se (in)visíveis para o exterior. No cenário que lhes é familiar os moradores do Cachoeirinha e o próprio bairro são visíveis, mas ao se descolarem desse universo de familiaridade a (in)visibilidade é que se faz presente.

Sobre a relação do envelhecimento do bairro e sua (in)visibilidade, cabe salientar que essa ideia de guardar-se no seu interior para ali tornar-se visível e não apresentar-se ao exterior como forma de resguardar, não só a memória de um outro tempo, mas de efetivar práticas e relações desse outro tempo no cotidiano, torna possível pensar que o próprio bairro tem como elemento identitário uma forma de envelhecer que implica em tornar-se visível somente para os seus. A visibilidade para o exterior não é perceptível no bairro como uma necessidade dos seus moradores apresentarem-se aos outros da metrópole e indicar seus atrativos, mas antes disso é uma forma de resistir às mudanças externas e a possibilidade que representam de romper com as relações de vizinhança, de amizade e com os laços de pertencimento ao lugar.

As mudanças que ocorreram em Belo Horizonte, impactaram de forma mais intensa o entorno do bairro, mas alcançaram lentamente o Cachoeirinha e dessa forma ele se mantém como um reduto de provincianismo, ao mesmo tempo que sua demanda por serviços bancários e um comércio mais variado, por exemplo, seja pertinente com o estilo de vida em uma cidade grande. Como assinala Costa (2008) o bairro não se configura somente como lugar de práticas sociais, mas também é um referente de representações identitárias que são resultado das interseções entre as dinâmicas da cidade e as dinâmicas locais. Frente às dinâmicas exógenas o bairro reinterpreta, re-significa seu cotidiano, elegendo o que mantém e

o que exclui como características do processo de interseção com a cidade. Isso sugere uma reflexão em torno da hibridização nos termos propostos por Canclini (2003), ao analisar a cultura latino americana na contemporaneidade. O híbrido, tomado de empréstimo da biologia, indica a constituição de algo novo a partir da combinação de práticas discretas que, segundo o autor, não são puras e existem separadamente. Sua proposta de análise recoloca questões relativas à modernidade e como esse período da história da humanidade lidou/lida com a tradição que, por vezes, tentou excluir ou superar. O híbrido é útil, entre outras reflexões, para pensar o quanto o moderno além de buscar excluir ou superar, se misturou com a tradição. Essa “mistura” que pode ser pensada como exemplo do híbrido é que trago aqui como forma de reflexão em torno do Cachoeirinha. Nesse lugar da cidade a tradição de modos de viver o cotidiano encontra repercussão entre seus moradores, ao mesmo tempo em que eles usufruem das efetivas mudanças propiciadas pela modernização de Belo Horizonte: as novas vias de tráfego, o encerramento do serviço de bondes, a nova fábrica têxtil, os novos bairros do entorno, as mudanças dos párocos da Igreja Católica, das festas religiosas e dos seus ritmos, das demais atividades culturais como os jogos de futebol, o *footing*, o cinema e o teatro no Cine Pax. As novas dinâmicas internas foram impregnadas dos impactos que as mudanças externas acarretaram ao bairro, constituindo novas configurações morfológicas, mas essas conseguiram manter características de outros tempos conferindo um ritmo diferenciado no cotidiano de quem reside nessa parte da cidade. Esse ritmo diferenciado diz respeito ao quanto o Cachoeirinha absorveu da modernização da cidade e como essa absorção não implicou em romper ou superar com as tradições do lugar, mas conferir-lhes novas formas de existência que tornam claro o embate e a ambiguidade do moderno, mas não como forma de extinção de modos de viver e sim como possibilidade de resistência de modos de viver.

É como se no Cachoeirinha, os moradores não estivessem afeitos a abrir mão de elementos identitários que os conforma em moldes de vida tradicionais, assim ainda se pautam por essa referência para se identificarem perante os outros, em especial, os demais residentes do bairro, como se entre eles fosse possível não se sujeitar à urbanidade prevalecente na cidade como um todo. Dependendo da situação os indivíduos se valem de um dos elementos compósitos de suas identidades para alcançar determinados efeitos. As identidades podem, então, ser compreendidas como mediadoras entre a estrutura social e a ação dos sujeitos, isto é, elas são feitas e refeitas de acordo com as mudanças sociais e se pautam por uma constante interiorização de pulsões e constrangimentos. Não se esquivando de ressaltar seu caráter relacional e interativo, Fortuna (1997) assinala que com a crescente complexificação das sociedades contemporâneas, a identidade moderna apresenta-se como

contingente e remete os indivíduos a uma estrutura pessoal, afetiva e cognitiva que é por eles constantemente (re)construída. Sobre essa (re)construção das identidades, o autor aponta que está implícito aí um processo dinâmico de confronto constante entre o velho e o novo e em torno deste confronto afirma que as identidades estão sujeitas a um processo de destruição criadora.¹⁴ Essa destruição criadora das identidades diz respeito a ação contínua de reelaboração dos critérios de auto-validação pública dos sujeitos no cotidiano, bem como das transformações econômicas, sociais, políticas, científicas e culturais que caracterizam os cenários citadinos contemporâneos e, desta forma, propiciam um constante reajustamento das matrizes identitárias dos indivíduos. É no embate entre o novo e o velho, entre o tradicional e o moderno que se constitui a particularidade do Cachoeirinha, o bairro como expressão do híbrido, da fissura do urbano. Transpondo a ideia de destradicionalização de Fortuna (2001) da cidade para o bairro é como se no Cachoeirinha houvesse uma resistência às inovações da cidade, mas ao mesmo tempo reconhece-se que para fora do bairro não é o modo de vida, ainda provinciano, que deve ser apresentado como característica local, mas classificações relativas à presença do urbano e do moderno. Como assinala Fortuna (2001), não há o absoluto da tradição nem da inovação.

Considerações Finais

A partir da percepção de que o Cachoeirinha pode ser a expressão da descontinuidade do urbano, ou das fissuras do urbano no cenário belo-horizontino, mais uma indagação se constituiu: se os moradores do Cachoeirinha preservam modos de viver na metrópole pautados pela prevalência das relações comunitárias, experimentadas pelos laços com a vizinhança e com os familiares, podem assim, ser definidos como indivíduos que têm um comportamento que não se pauta pelas atitudes de reserva e anonimato apontadas por Simmel (1987) como características do indivíduo que vive em um ambiente urbano. Mas esse comportamento baseado nas relações de afeto e de amizade não é externado para o restante da cidade, ou seja, os moradores do Cachoeirinha adotam posturas de indiferença em relação àqueles que não são moradores do bairro ou que não são assim reconhecidos. Dessa maneira, a forma de comportamento no interior do bairro faz com que isso seja uma de suas peculiaridades. Na tentativa de decifrar essa particularidade dos seus moradores percebi que esse comportamento no interior do bairro junto aqueles que são reconhecidos como

14 Fortuna (1994) assinala que o conceito de destruição criadora é utilizado de forma análoga a que Schumpeter se vale para analisar o processo evolutivo do capitalismo.

pertencentes àquela localidade além de apontar para uma de suas diferenças em relação a outros bairros de Belo Horizonte, possibilitava uma leitura da imagem do Cachoeirinha para o seu exterior. Essa imagem foi delineando-se cada vez com mais força e se traduziu como invisibilidade que decifrei não somente como o fato do bairro ser invisível para a cidade, mas também como o fato de não ter visibilidade. É como se o bairro se voltasse para o seu interior e não tivesse – ou pelo menos não considerasse – a possibilidade de apresentar suas características tanto físicas quanto sociais aos de “fora”. Seus moradores vivem como que encapsulados em um pequeno mundo da cidade, como se estivessem protegidos por uma concha e ouvissem sons ao fundo: “ah, deve ser a Avenida Antônio Carlos”, “não, acho que esse barulho foi da Avenida Bernardo Vasconcelos¹⁵”, enfim, se preservam do mundo exterior e assim preservam um modo de viver. O bairro modificou-se lentamente, seus moradores e edifícios envelheceram e guardaram não só lembranças, mas também experiências de decifrar e significar o lugar em que se localizam na cidade, baseadas no conhecimento e reconhecimento do outro que vive **no bairro**, nos trajetos pelas calçadas, esquinas e ladeiras **do Cachoeirinha**, ou seja, nas práticas espaciais realizadas pelos moradores nos ambientes e espaços que lhes são familiares. Interpretei isso como uma estratégia identitária, mesmo que adotada inconscientemente, pois o não se apresentar, o não ter visibilidade, o ser invisível na cidade, é também uma forma de se definir, de se identificar, de mostrar-se timidamente aos outros, de se resguardar dos outros para preservar o seu modo de viver. A alteridade é experimentada pela não apresentação, pela (in)visibilidade. Essa forma de se resguardar do(s) outro(s) não residentes no bairro pareceu-me uma resistência à velocidade das mudanças externas e um receio de estranhar o próprio espaço de localização na cidade, um receio de que ele se torne desconhecido. De acordo com Carlos (2001, p. 329)

Diante de uma metrópole em que a morfologia urbana muda e se transforma de modo muito rápido, os referenciais dos habitantes, produzidos como condição e produto da prática espacial modificam-se em uma outra velocidade, produzindo uma sensação do desconhecido, do não-identificado.

Nesse “pequeno mundo” do Cachoeirinha, os moradores permanecem rompendo com traços da urbanidade que insistem em não adotar em suas práticas espaciais no interior do bairro e é assim que se “apresentam” para os seus vizinhos, para os íntimos, para aquele universo que, segundo Mayol (2005), indica a privatização do público, mas quando necessário

15 Essas são duas grandes avenidas que circundam o bairro.

se apresentar aos outros que não residem no bairro adotam a indiferença, a reserva é o momento de indicar que a urbanidade também está presente naquele cotidiano, é o momento de acionar elementos que compõem a identidade do bairro que são diferentes daqueles utilizados no seu interior. Para além do embate entre tradição e moderno, o bairro apresenta-se como uma fissura do urbano que permite a permanência da tradição, mas também a passagem dos traços do urbano que marcam Belo Horizonte.

Esse cenário é, então, composto por espaços que não se traduzem como eminentemente tradicionais ou exclusivamente modernos e, assim, o Cachoeirinha não é somente expressão do provinciano, mas também guarda as experiências do moderno. A expressão disso é passível de ser identificada pelas mudanças morfológicas processadas ao longo do tempo, bem como pelas novas práticas espaciais que incluem ainda a necessidade de saída do bairro, de explorar territórios diferentes, mesmo que vizinhos, já que o Cachoeirinha, como um dos traços de seu provincianismo, não tem, como assinala Sarlo (2000), o seu “centro”. Assim, quando os moradores processam seus deslocamentos, a urbanidade e a modernidade são identificáveis no bairro, mas quando permanecem no seu interior o que prevalece são os reconhecimentos dos percursos e das pessoas que neles transitam, a reserva e indiferença não fazem parte do cotidiano dos moradores quando estão nos seus deslocamentos internos.

As mudanças da cidade são sentidas no bairro, mas a absorção dessas modificações não foi experimentada com a mesma intensidade. É como se os acontecimentos da cidade grande não fossem completamente digeridos pelos habitantes do “pequeno mundo”. Isso contribuiu para que, além das mudanças, o Cachoeirinha experimentasse novas práticas espaciais que acabaram por revelar as permanências que ali tiveram lugar ao longo do tempo o que lhe confere, hoje, a sua peculiaridade frente ao cenário urbano metropolitano de Belo Horizonte: um “pequeno mundo” da cidade que mantém ares de cidade pequena, de um provincianismo que ainda resiste no século XXI. Esse “pequeno mundo” que se revela a partir do Cachoeirinha é também representação da fissura do urbano, ou seja, a expressão de que a urbanidade não é experimentada da mesma forma pelos habitantes de uma cidade, que essa fenda aberta insinua possibilidades de ser morador da metrópole e selecionar o que interessa preservar, manter e/ou romper para indicar a sua forma de existência, o seu modo de viver. Conforme assinalam Cordeiro e Costa (1999, p. 64)

os habitantes do bairro elaboram, a respeito dele, sentimentos de pertença e referências identitárias, mas de outro tipo, a partir de suas próprias experiências de vida quotidiana e do seu quadro de existência social. (...) Trata-se de representações cognitivas do bairro e de referências afectivas a ele enquanto território de

práticas diárias, palco de existência corrente, contexto de familiaridade, fonte de recursos, sede de estratégias sociais, cenário de episódios vividos ou narrados, lugar de experiências partilhadas, marco de relações de pertença coletiva.

Assim, o sentimento de pertencimento a um bairro da cidade é indicativo da forma como seus moradores se relacionam afetiva e espacialmente com esse lugar que é recoberto por sinais de familiaridade e se constitui como um dos seus referenciais identitários. O exercício de aproximação, de realização de trajetos no Cachoeirinha, do resgate de lembranças, da apreensão do bairro como espaço de resistência ao moderno, de manutenção de traços da tradição, de constituição do híbrido expresso na sua morfologia como nos discursos de seus moradores, permitiu a compreensão de que a microescala pode ser reveladora de fenômenos mais amplos e que não se restringem somente a determinados espaços do ambiente urbano. O bairro Cachoeirinha possibilitou eleger um novo ponto de partida para pensar o cenário urbano: identificar espaços em Belo Horizonte que se definem a partir da invisibilidade como estratégia de manutenção de modos de viver, de práticas espaciais não condizentes com as mudanças que se processam na cidade como um todo. Quais os tipos de espaços belo-horizontinos seriam mais propensos a se definirem como invisíveis? Quais e que tipos de recursos são acionados pelo grupo para a permanência de hábitos e comportamentos frente ao contexto mais amplo de mudanças? Novas questões se apresentam, mas ainda estão em busca de pistas que se configurem como norteadoras de um próximo trabalho.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e Sair da Modernidade**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri Carlos. **Espaço-Tempo na Metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce. Os Fantasmas da Cidade. In: CERTEAU, Michel de. 6 ed. **A Invenção do Cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ, 2006.

COSTA, António Firmino da. 2 ed. **Sociedade de Bairro: dinâmicas Sociais da Identidade Cultural**. Lisboa: Celta, 2008.

CORDEIRO, Graça das Índias, COSTA, António Firmino da. Bairros: contexto e intersecção. In: VELHO, Gilberto (org.) **Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

FORTUNA, Carlos. As Cidades e as Identidades: narrativas, patrimônios e memórias. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, n.33, ano 12, fev., 1997. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicações/rbcs_00_33/rbcs33_08.htm Acesso em: 10 nov. 2007.

FORTUNA, Carlos. Destradicionalização e Imagem da Cidade: o caso de Évora. In: FORTUNA, Carlos (org.) **Cidade, Cultura e Globalização: ensaios de sociologia**. 2 ed. Oeiras: Celta Editora, 2001.

GONÇALVES, António Custódio. Os Bairros Urbanos como Lugares de Práticas Sociais. In: **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**. Porto, I Serie, v. IV, 1988. pp. 15-31. Disponível em <http://www.ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/157.pdf> Acesso em 23 mar. 2009.

LEFEBVRE, Henri. Barrio y Vida de Barrio. In: LEFEBVRE, Henri. **De Lo Rural a Lo Urbano**. 3 ed. Barcelona: Ediciones Península, 1975.

MAYOL, Pierre. O Bairro. In: CERTEAU, Michel de. 6 ed. **A Invenção do Cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ, 2005.

MENDONÇA, Jupira Gomes de; ANDRADE, Luciana Teixeira,. **Estudo de Bairros: construindo uma metodologia qualitativa com suporte quantitativo**. 31º Encontro Anual da ANPOCS: Caxambu, 2007. pp. 1-23.

PARK, Robert E. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio G. **O Fenômeno Urbano**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

RIBEIRO, Rita A. C. Um Roteiro de Visibilidade e Invisibilidade na Cidade. In: **Observatorium: Revista eletrônica de Geografia**. v.1, n.1, jan. 2009, pp. 185-196. Disponível em: <http://www.observatorium.ig.ufu.br/pdfs/1edicao/UMROTEIRODEVISIBILIDADEEINVISIBILIDADENACIDADE.pdf> Acesso em abr. 2010.

RONCAYOLO, Marcel. **La Ville et ses Territoires**. Paris:Gallimard, 2001.

SARLO, Beatriz. **Cenas da Vida Pós-Moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 73-102.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio G. **O Fenômeno Urbano**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidad y Sociedad**. Buenos Aires: Losada, 1947.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como Modo de Vida. In: VELHO, Otávio. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.